A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES HA-DE SER FEITA PELOS PROPRIOS TRABALHADORES

UNIÃO DOS EMPREGADOS EM CAFÉS
Rua Quintino Bocaiuva, 10
S. Paulo - (Brasil)

SOUZA PASSOS
(EMPREGADO EM CAFÉ)

....

DOMESTICOS?

NÃO!

COMENTARIOS Á MARGEM DAS LEIS SOCIAIS DA REPUBLICA NOVA

....

Editado pela União dos Empregados em Cafés de São Paulo
(Filiada á F. O. S. P.)

CÍRCULO ALFA
ESTUDOS H
ACERVO

Os problêmas sociais

Cada vez se acentúa mais profundamente a necessidade que tem os trabalhdores de seguirem as normas do sindicalismo revolucionario, agindo sempre por conta propria, sem delegar poderes a ninguem para resolver os seus problêmas de luta com o patronato.

Essa necessidade mais se evidencia agora, com os ultimos acontecimentos revolucionarios do paiz.

Os elementos revolucionarios — não queremos discutir a sinceridade ou não, principalmente de alguns elementos de destaque da Revolução de 30 — vêm-se impotentes para dar vida ás suas concepções revolucionarias, porque as causas do mal são mais profundas do que elês mesmos talvez imaginavam; e os obstaculos a remover estão de tal maneira ligados á engrenagem do Estado, que não conseguem siquer, desloca-los do seu meio ambiente, sem que abálem de uma fórma profunda os alicérces da estrutura governamental.

Sem entrarmos a analisar os prográmas, mesmo os mais radicais de todos os partidos que surgiram com a Revolução de 30, vêmos claramente que estamos distanciados quasi um século da evolução politica do mundo; isto, apenas, sobre o ponto de vista politico!

Se não vejâmos: o que se pretende pôr aqui em pratica, como radicalismo politico não chega, nem mesmo se aproxima dos regimens já fracassados nos paizes de origem: o tailorismo e o fordismo na America do Norte; o georgismo na Inglaterra; o socialismo legalitario na França e na Alemanha; o fascismo na Italia e até mesmo o marxismo na Russia. Em todos elés o problêma da liberdade continua insoluvel, e os problémas economicos cada vez mais se acentúam como fátores de desiquilibrio na vida social e nas relações morais do individuo.

As leis sociais que aqui o Ministerio do Trabalho tem como coisas avançadissimas, e que põem frémitos na espinha dorsal dos atrazadissimos e ignorantes reacionarios da industria e do capitalismo, ficam muito aquém das leis já em vigor nos paizes do Velho Mundo e mesmo do Novo Continente, como, por exemplo, no Uruguay, sem contar a America do Norte e os paizes já citados.

A Lei de 8 horas, Lei de Férias, Lei do

Descanso Semanal, Caixas de Aposentadorias e Pensões, Proteção á Maternidade e á Infancia, Lei do Divorcio, todas essas leis, algumas das quais não entram siquer ainda nas cogitações do Ministerio do Trabalho, são coisas velhissimas e carunchadas que ja estão a cair de pôdres. Não é preciso dizer que não se cumprem em nenhúma parte do mundo, como não se cumprirão aqui, porque as leis são feitas para não serem cumpridas, pelo simples fáto de que o Estado, que é o aparelho legal para as fazer cumprir é sempre, e não poderá nunca deixar de ser, um instrumento de defeza duma classe que domina em detrimento e prejuizo doutra que é dominada. O simples fáto da sua existencia implica na existencia de injustiças a reparar; significa que ha, na vida social dos povos, antagonismos e interesses em discordia; ha descontentes, ha quem não se conforme, ha luta de classes.

Para regular essas lutas, isto é, para distribuir a justiça nesse conflito de interesses, é necessaria a existencia do Estado, que dispõe de exercitos, corpos policiais, milicias partidarias, armas, munições, aparelhos de destruição perfeitamente engenhados e construidos, o que implica na existencia de classes parasitarias que consomem e não produzem.

Como os meios de subsistencia têm que,

fatalmente sair das fontes de produção, logicamente, quem paga tudo isso são os que produzem! Ora, chegamos a esta conclusão: ha uma classe que não produz e que consome em grande escala; isto é: esbanja nos clubes, nos cabarés, nos passeios, com as amantes e com os automoveis, com os lulús e as creadas, quantias enormes, rios de dinheiro; e ha outra classe que trabalha, que produz toda a riqueza social, que constróe os palacios e os arranha-céos; que faz as maquinas e constróe as fabricas, e não póde consumir nem mesmo o necessario para viver...

Como poderá conformar-se esta classe, ao notar o contraste, ao ver essa injustiça na distribuição dos haveres sociais? Obrigando-a pela força ou mantendo-a na mais completa ignorancia; isto é: fazendo-lhe compreender que a vida é assim mesmo e que não ha remedio senão conformar se.

Para obrigal-a existem as forças armadas: exercitos, policias, milicias partidarias, que dispõem e manejam os canhões, as carabinas, os navios de guerra, etc., etc.

Mas, como essas forças são constituidas por individuos que sáem da classe explorada, dos trabalhadores, é preciso mantel-os, para os convencer a se prestarem a esse papel, na ignorancia, fazendo-lhes acreditar que cumprem um dever.

Para isso a outra classe, aquela que nada produz e tudo consome, dispõe do Estado e das religiões; creou uma soma de simbolos que ensina arespeitar, mas que não respeita: Deus, Patria e Familia.

Ha, portanto, duas classes inimigas: Capital e Trabalho. Por razões faceis de compreender, as leis são sempre feitas pelos elementos ligados ao Capital; e, como o Estado, pelas mesmas razões é sempre constituido tambem pelo Capital, ou, como no caso da Russia, por uma classe que é forçada a manter a mesma legião de parasitas ou seja a burocracia, o que quer dizer que mesmo estando o governo nas mãos dos trabalhadores é forçado a ter funcionarios, exercitos, etc., que gastam, consomem e não produzem, logiçamente, as leis só se cumprirão quando não ferirem os interesses do Estado. Não propômos soluções. Expômos razões e principios. Sabemos que os valores cientificos, artisticos e filosoficos não estão integrados na ordem natural das cousas; porque a ciencia deve obedecer a logica das conclusões, mas como a conclusão logica dos fátos historicos não póde aceitar a aberração do principio da Autoridade, porque seria negar o fator cientifico da liberdade, concluimos: ainda ha escravos e senhores; parasitas e produtores; operarios e industriais; quem manda e quem obedèce; quem vive e quem vegeta; quem vive

em palacios e quem vive em choupanas; quem aluga casas e quem paga aluguel; quem compra e quem vende; até quando?

Revolução e reação

Quem acompanhe como objétivo de estudo o desenrolar dos acontecimentos mundiais, não poderá fugir á logica das verdades proclamadas pelas capacidades cientificas do anarquismo. Depois de se haverem ensaiado todas as formas de governo, desde o absolutismo jesuitico e imperialista dos seculos XVII e XVIII, passando pelas monarquias constitucionais do seculo XIX, até as republicas positivistas do nosso século, cada vez são mais sentidos os problêmas humanos da questão social.

O desenvolvimento das conquistas cientificas que deveriam ter uma aplicação racional no sentido de serem aproveitadas em beneficio da coletividade, trouxe, em consequencia da sua aplicação em beneficio de minorias detentoras do Capital, esse desiquilibrio do qual nenhum governo encontra mais a formula para conciliar os interesses em luta.

O dinheiro encerrou-se num circulo vicioso que não preenche mais a sua finalidade. Todos os padrões se desvalorisam, os mercados de cam-

bio estão de rastos, o comercio vive numa incerteza desoladora, não se realisam as necessarias negociatas do intercambio comercial, não ha consumo porque não ha capacidade consumidora, registra-se um retrahimento geral nos negocios e nos meios de produção.

Como consequencia disso aumentam os milhões de desempregados, ha descontentamento, manifesta-se a reáção, esboçam-se guerras de conquista, avisinha-se a quéda da civilisação capitalista, cuja incapacidade para solucionar os problêmas já se revelou em todas as suas formas, desde as mais violentas ás mais mistificadoras, desde a tirania da Força ao sofisma das Democracias.

«Uma revolução — diz Pedro Kropotkine no seu livro de «Memorias» — deve ser toda ela desde o seu principio um áto de justiça para com os «desherdados» e os «oprimidos», e não uma simples promessa de se fazer mais tarde a reparação a miseria. Não sendo assim é facil abortar. Infilizmente, quasi sempre acontece que os chefes do movimento se deixam absorver por questões de tática militar, que os faz esquecer o objetivo principal.

E quando os revolucionrios não tratam de provar ás massas que uma nova éra começou realmente para élas, podem estar certos que as

suas tentativas serão infrutiferas».

Poderiamos analisar dentro deste conceito todos os movimentos produzidos nos ultimos tempos. Mas para não fugirmos ao nosso ambiente, vamos salientar que a Revolução Brasileira de 1930, não escapou a este axioma social.

A Revolução de 30, prometia ao povo a realisação de um programa que seria a garantia das liberdades individuais,e vinha atênder as necessidades imediatas do povo sob o ponto de vista economico. Proclamava-se a reivindicadora de um regimen de liberdade e de justiça. O povo, cujo estado normal é o sentimento de revolta porque se vê rodeado de injustiças, e reconhece que o fazem movimentar aos impulsos de fátores em desiquilibrio, recebeu os elementos revolucionarios com o coração nas mãos, como se costuma dizer. Chegou mesmo, ninguem o póde negar, a demonstrar verdadeira simpatia por algumas figuras do movimento revolucionario, que por não terem tido a coragem de assumir uma atitude definida, cairam ao ponto de não constituirem mais senão uma dissilusão para as classes trabalhadoras.

Ao assumirem os postos de responsabilidade e de comando, os revolucionarios sinceros devem se ter convencido, de que a máquina governativa, o aparelho estatal é incompativel com os princi-

pios humanos da liberdade e da justiça. Ao Estado estão ligados interesses que se chocam, que não se podem conciliar, que constituem germens constantes de conflitos sociais. A sua engrenagem complicada, a sua propria essencia genuinamente conservadora, determinam a ação do individuo que, acorrentado aos interesses das instituições que necessitam do Estado, da sua força, dos seus aparelhos policiais, das suas burocracias, para se manterem, perde completamente a sua soberania e a sua individualidade.

A Revolução de 30, e disso não nos admiramos — impossibilitada de servir aos fins que proclamava, tendo descido no conceito das massas porque ela não satisfez as suas aspirações, tornou-se, era fatal, reacionaria, violenta e opressora, instrumento de defeza nas mãos do capitalismo clerical e do industrialismo retrogado. Em vez de ser o cerebro do progresso e acompanhar a evolução, tornou-se o «teimoso» do atavismo secular.

Pela sua falta de visão psicologica, tomou uma posição falsa na formação do ambiente brasileiro, e no concerto do mundo; e hoje uma verdadeira apreenção para as classes trabalhadoras.

Deu-nos leis que não faz cumprir e que em vez de serem uma garantia para os que traba-

lham, são continuamente motivos de desgostos e de tragedias.

Os trabalhadores achando-se com direito de gozarem os beneficios de uma lei, que foi decretada a seu favor, vêm-se quando reclamam de seus patrões o cumprimento dessa lei, a braços com o desemprego, ameaçam-no com o *louk-out*, vê-se coagido.

Recorre aos poderes que a Revolução, instituiu para zelar pelos seus direitos, mas esbarra com a incapacidade de funcionarios que desconhecem as suas necessidades, e anda de um para outro lado, os seus direitos são protelados, desespera e revolta-se. Quando se associa para constituir uma força que possa fazer cumprir as leis que êle reconhece como asseguradoras dos seus direitos, exigem-lhe a obediencia céga a uma formula de acorrentamento e de submissão.

Quer constituir um sindicato livre que represente, de fáto, a sua classe, negam-lhe permissão, põem-no fóra da Lei. Lança mão de um direito que lhe é segurado pelas leis internacionais do Trabalho — o direito de gréve — para fazer cumprir uma lei que existe a seu favor e a este gêsto de defeza de seus direitos, a Policia da Revolução responde com a pata de cavalo, com a prisão, com a deportação, seguindo os métodos do regimen que pretendeu ter der-

rubado. Na Republica Nova como na Republica Velha, nega-se o direito de reunião; prenden-se individuos porque professam principios e doutrinas; espancam-se operarios porque fazem gréve, cuja responsabilidade cabe ao proprio governo, que decreta leis e não as faz cumprir; emfim, o individuo hoje como hontem, continua a ser uma expressão inutil como personalidade! Esqueceram-se os revolucionarios que a reação, faz conceber ao povo os processos de conspiração; que não ha, a Historia o diz—força nem violencia, tirania ou opressão capaz de abafar o sentimento livre das massas, que produzem e que vêm sonagados os seus direitos.

Não se impéde, com a violencia a marcha das revoluções que são consequencias da Evolução.

A reáção é uma consequencia do fracasso da revolução, que, deixando de inspirar confiança ás massas, precisa da força para conter os seus protestos.

Mas, não se esqueçam os revolucionarios que fracassam: As forças de que dispõe são compostas de filhos do povo: e mais uma vez, (a historia está cheia destes fátos), ao vêr o povo na rua, ao vêr as massas esfomeadas que a miseria atira para a ventura das revoltas, voltam as carabinas para os inimigos do povo e fazem

causa comum com a plebe de cuja massa sairam e da qual são filhos que sentem a dor de suas mães, o anseio de seus pais e a necessidade de seus irmãos proletarios!

Não é um aviso, é um advertencia, não é uma insinuação, é uma lição de historia!

Domesticos? Não!

Habituados como estão ao sentimento escravo de uma educação taráda, produto de mentiras convencionais acumuladas durante seculos de vida artificial, ainda vemos hoje, em pleno seculo XX, quando já se tornam insustentaveis as instituições arcaicas e carcomidas, da civilisação capitalista; quando o homem ja procura libertar-se de todas as formas de tirania, individuos que dizem não terem direito ao gozo de uma determinada lei, que, por força das circunstancias revolucionarias das multidões são decretadas como paliativos ao sentimento livre do homem em sociedade.

Mas o que mais ainda nos revolta, é sabermos que ha no seio dos nossos homens publicos, que conseguem galgar ao poder fazendo promessas ao povo, alguns que ainda ficam indecisos quando se trata de Interpretarem a lei.

Agora, por exemplo, com e caso da lei de 8 horas, os proprietarios de hoteis, bares e restaurantes, recorreram ao Ministerio do Trabalho com o fito de escaparem ao cumprimento da lei, alegando que os seus empregados são *do-*

mesticos. Que eles procedam assim, não nos admira. Estão perfeitamente colocados na sua função de exploradores do trabalho alheio e, como não tem dignidade, é natural que só vejam em cada semelhante um sêr escravo e servil.

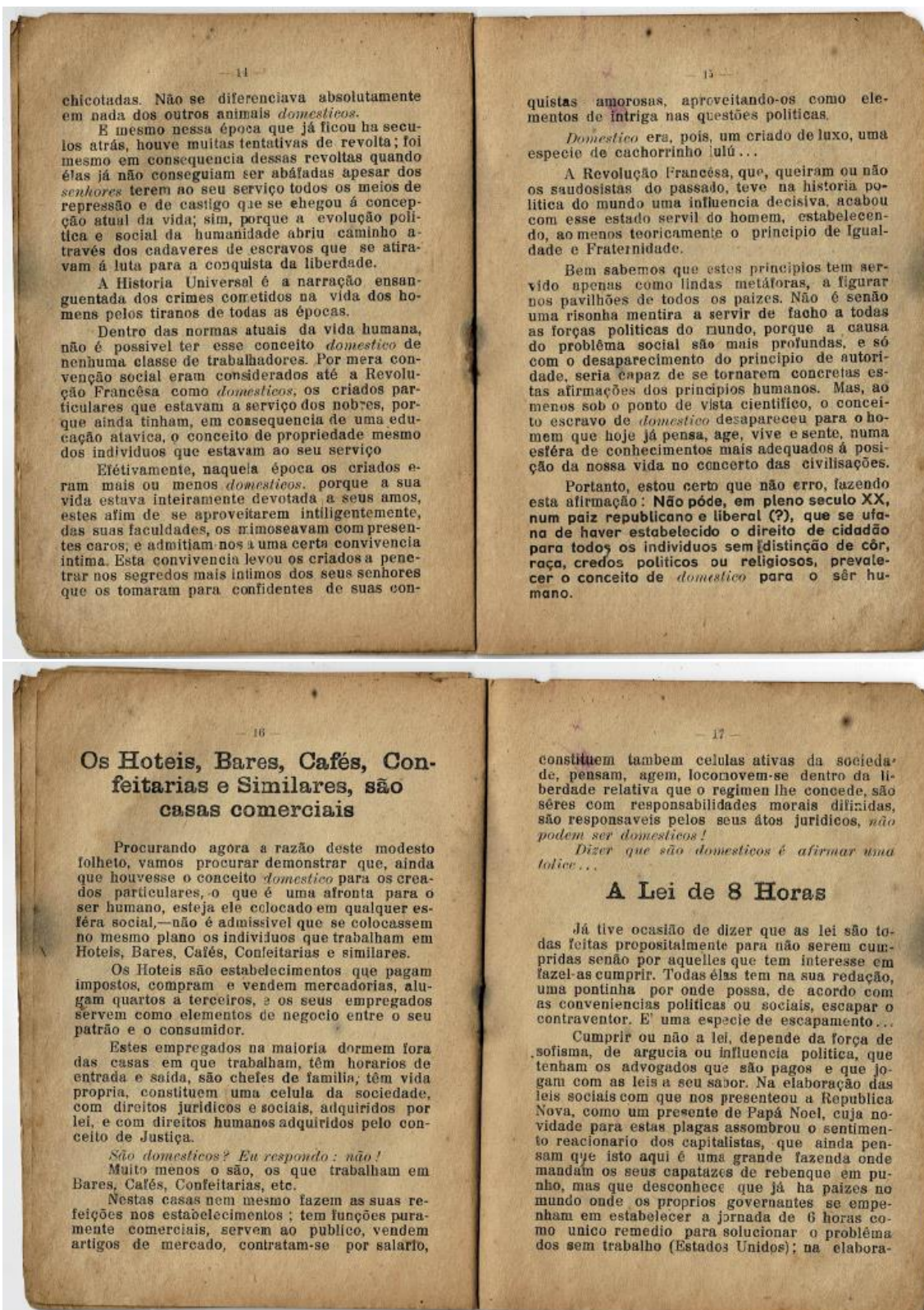
O que nos admira, isso sim, é que ainda se encontrem, nesta época de convulsões sociais, quando já está demonstrada a falencia do regimen capitalista, que no estrebucho da sua agonia lança mão de todos os recursos de violencia, individuos que aceitam sem protesto essa qualificação deprimente.

Vamos procurar demonstrar para auxilio dos homens da lei, a sem razão desse recurso abominavel.

O que é domestico? Parece-nos que não teria grande trabalho qualquer aluno das escolas primarias para responder...

Domestico é tudo o que é *domesticádo* que se *domestica*: o cão, o gato, o boi, a vaca, o cavalo, o burro, etc.

Houve uma época em que o homem tambem foi considerado *domestico*; era vendido como qualquer animal irracional, negociava-se com a sua vida como se negociava com qualquer objéto de mercado.

O homem então não tinha personalidade: pensava, agia, comia e trabalhava pela mão e pela cabeça do seu *senhor*, era um escravo, não vivia senão para o seu dono, que lhe atirava para o sustentar algumas migalhas e o favorecia de vez em quando com o látêgo cortando-lhe as carnes ás

chicotadas. Não se diferenciava absolutamente em nada dos outros animais *domesticos*.

E mesmo nessa época que já ficou ha seculos atrás, houve muitas tentativas de revolta; foi mesmo em consequencia dessas revoltas quando élas já não conseguiam ser abáfadas apesar dos *senhores* terem ao seu serviço todos os meios de repressão e de castigo que se chegou á concepção atual da vida; sim, porque a evolução politica e social da humanidade abriu caminho através dos cadaveres de escravos que se atiravam á luta para a conquista da liberdade.

A Historia Universal é a narração ensanguentada dos crimes cometidos na vida dos homens pelos tiranos de todas as épocas.

Dentro das normas atuais da vida humana, não é possivel ter esse conceito *domestico* de nenhuma classe de trabalhadores. Por mera convenção social eram considerados até a Revolução Francêsa como *domesticos*, os criados particulares que estavam a serviço dos nobres, porque ainda tinham, em consequencia de uma educação atavica, o conceito de propriedade mesmo dos individuos que estavam ao seu serviço

Efétivamente, naquela época os criados eram mais ou menos *domesticos*, porque a sua vida estava inteiramente devotada a seus amos, estes afim de se aproveitarem intiligentemente, das suas faculdades, os mimoseavam com presentes caros; e admitiam-nos a uma certa convivencia intima. Esta convivencia levou os criados a penetrar nos segredos mais intimos dos seus senhores que os tomaram para confidentes de suas con-

quistas amorosas, aproveitando-os como elementos de intriga nas questões politicas.

Domestico era, pois, um criado de luxo, uma especie de cachorrinho lulú...

A Revolução Francêsa, que, queiram ou não os saudosistas do passado, teve na historia politica do mundo uma influencia decisiva, acabou com esse estado servil do homem, estabelecendo, ao menos teoricamente o principio de Igualdade e Fraternidade.

Bem sabemos que estes principios tem servido apenas como lindas metáforas, a figurar nos pavilhões de todos os paizes. Não é senão uma risonha mentira a servir de facho a todas as forças politicas do mundo, porque a causa do problêma social são mais profundas, e só com o desaparecimento do principio de autoridade, seria capaz de se tornarem concretas estas afirmações dos principios humanos. Mas, ao menos sob o ponto de vista cientifico, o conceito escravo de *domestico* desapareceu para o homem que hoje já pensa, age, vive e sente, numa esféra de conhecimentos mais adequados á posição da nossa vida no concerto das civilisações.

Portanto, estou certo que não erro, fazendo esta afirmação: **Não póde, em pleno seculo XX, num paiz republicano e liberal (?), que se ufana de haver estabelecido o direito de cidadão para todos os individuos sem distinção de côr, raça, credos politicos ou religiosos, prevalecer o conceito de *domestico* para o sêr humano.**

Os Hoteis, Bares, Cafés, Confeitarias e Similares, são casas comerciais

Procurando agora a razão deste modesto folheto, vamos procurar demonstrar que, ainda que houvesse o conceito *domestico* para os creados particulares, o que é uma afronta para o ser humano, esteja ele colocado em qualquer esféra social,—não é admissivel que se colocassem no mesmo plano os individuos que trabalham em Hoteis, Bares, Cafés, Confeitarias e similares.

Os Hoteis são estabelecimentos que pagam impostos, compram e vendem mercadorias, alugam quartos a terceiros, e os seus empregados servem como elementos de negocio entre o seu patrão e o consumidor.

Estes empregados na maioria dormem fora das casas em que trabalham, têm horarios de entrada e saida, são chefes de familia, têm vida propria, constituem uma celula da sociedade, com direitos juridicos e sociais, adquiridos por lei, e com direitos humanos adquiridos pelo conceito de Justiça.

São domesticos? Eu respondo: não!

Muito menos o são, os que trabalham em Bares, Cafés, Confeitarias, etc.

Nestas casas nem mesmo fazem as suas refeições nos estabelecimentos; tem funções puramente comerciais, servem ao publico, vendem artigos de mercado, contratam-se por salario,

constituem tambem celulas ativas da sociedade, pensam, agem, locomovem-se dentro da liberdade relativa que o regimen lhe concede, são sêres com responsabilidades morais difinidas, são responsaveis pelos seus átos juridicos, *não podem ser domesticos!*

Dizer que são domesticos é afirmar uma tolice...

A Lei de 8 Horas

Já tive ocasião de dizer que as lei são todas feitas propositalmente para não serem cumpridas senão por aquelles que tem interesse em fazel-as cumprir. Todas élas tem na sua redação, uma pontinha por onde possa, de acordo com as conveniencias politicas ou sociais, escapar o contraventor. E' uma especie de escapamento...

Cumprir ou não a lei, depende da força de sofisma, de argucia ou influencia politica, que tenham os advogados que são pagos e que jogam com as leis a seu sabor. Na elaboração das leis sociais com que nos presenteou a Republica Nova, como um presente de Papá Noel, cuja novidade para estas plagas assombrou o sentimento reacionario dos capitalistas, que ainda pensam que isto aqui é uma grande fazenda onde mandam os seus capatazes de rebenque em punho, mas que desconhece que já ha paizes no mundo onde os proprios governantes se empenham em estabelecer a jornada de 6 horas como unico remedio para solucionar o problêma dos sem trabalho (Estados Unidos); na elabora-

ção das nossas leis sociais, diziamos, não escapou essa preocupação de fugir pelo escapamento...

Vejamos a lei de 8 horas, que ainda não está sendo cumprida, senão com raras excepções, dependendo da bôa ou má vontade dos patrões que a queiram ou não cumprir. Ha um parágrafo que permite ao patrão fazer com o empregado um contrato de trabalho em que o empregado póde trabalhar mais duas horas extraordinarias, sendo-lhes pagas como tal. Deante deste recurso o patrão faz assinar pelo empregado esse contrato.

Se o empregado como já aconteceu em muitos casos exige o pagamento das duas horas extraordinarias, o patrão não tem nenhuma duvida em lhes pagar; desconta-lhe no ordenado essa diferença.

Mas, a maioria dos casos, para não se tornar indesejavel o empregado prefere não as reclamar e terá que dizer ao fiscal, quando *pró-forma* appareça por ali, que trabalha as horas exigidas por lei.

Não está certo?

São leis...

Salario minimo

Mas para isso ha o projéto de Salario Minimo, dirão os ingenuos que ainda acreditam na proteção das leis.

O Salario Minimo não poderá nunca ser es-

tabelecido, porque o custo da vida oscila ao sabor dos *trusts* que manejam a lei de oferta e de procura, e que chegam até, corrigindo a prodigalidade da natureza, a aumentar ou diminuir a produção de acôrdo com os seus interesses; senão vejamos: Na America do Norte queima-se por conveniencias comerciais tanto trigo que bastaria para o consumo de todo o mundo durante alguns anos; e na America do Norte ha muita gente que passa fome...

Na Argentina chega-se ao cumulo de se queimarem, como ainda a pouco os jornais noticiavam a insignificancia de 27.000 carneiros; e na Argentina morre-se de fome...

Aqui nsta terra dadivosa e bôa, ha varios anos que se está queimando, diariamente, o café; já se queimaram alguns milhões de sacas e quanta gente passa muitos dias sem poder tomar café!...

Mas isso é um crime! exclamarão. E' o regimen capitalista...

O salario minimo, não pode, pois, ser estabelecido, porque ha oscilações criminosas no custo da vida.

Domesticos? Não!

E apezar de todas as classes patronais não podendo conceber que os trabalhadores possam ter alguma dignidade, recorrem ao Ministro do Trabalho, para fugir ao cumprimento da lei de 8 horas, alegando que os Empregados em Cafés, Hoteis, Bares, Restaurantes e Confeitarias, não

— 20 —

têm o direito de gozar as regalias da lei, porque são *domesticos!*...

Ainda haverá por aí (custa a acreditar) individuos, homens, sêres humanos, que aceitam resignadamente, sem um protesto, essa afronta moral?

E' muita covardia! Que tristissima ideia teriam de nós lá fóra, os que, por menos motivos nos tem apresentado ao mundo como um paiz, semi-selvagem!

Domesticos? Não! Homens de brio, trabalhadores, que em vossos sentimentos conservais um pouco de vossa qualidade de sêres humanos, repeli essa afronta á vossa dignidade!

E si as leis, si o Ministerio do Trabalho ou os seus agentes vacilarem entre a vossa hombridade, os vossos direitos e o ouro das classes patronais, vós, sem intermedtarios, dignamente, com altivez, respondei a essa afronta vilã:

Domesticos? Não! Somos homens livres!...